

# MARTHA, Alice Áurea Penteado; VALENTE, Thiago Alves. (Orgs.) *Produção cultural paranaense para crianças e jovens*. Assis: Cultura Acadêmica, 2016. 262 p.

---

Berta Lúcia Tagliari Feba\*

*Produção cultural paranaense para crianças e jovens* (Cultura Acadêmica, 2016) é uma importante coletânea de autores de prosa e poesia do Paraná. Em razão disso, apresenta um estado da arte da produção paranaense e auxilia seus leitores a delinear caminhos interpretativos recorrentes a partir de um recorte geográfico e temporal. Temas como a crítica literária, a contação de histórias, a literatura e outras linguagens, os gêneros literários, a qualidade estética, a importância da fantasia, a perspectiva da criança, a intertextualidade, a leitura, a formação do leitor e tantos outros transparecem nos capítulos do livro e tornam a leitura da obra indispensável aos seus destinatários em potencial, como estudantes da área, pesquisadores experientes, professores.

Os organizadores Alice Áurea Penteado Martha e Thiago Alves Valente têm longa trajetória de pesquisa na área da Literatura Infantil e Juvenil, haja vista a quantidade (e a qualidade) de materiais elaborados e publicados em livros, periódicos e anais de eventos, que se caracterizam também pela originalidade temática e pela relevância científica. No que se refere à Alice Martha, os livros mais recentes são *Entre livros e leitores: escritos vários* (Cultura Acadêmica, 2016) e *Leitura e escrita no ciberespaço* (EDIPUCRS, 2015), ambos com a presença da pesquisadora gaúcha Vera Teixeira de Aguiar na organização. Há ainda os livros organizados por Martha, ora com a colaboração de João Luís Ceccantini (pesquisador da UNESP-ASSIS), ora com Vera Teixeira de Aguiar e ora com ambos, que receberam o Selo Altamente Recomendável na categoria Teórico da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), quais sejam *Heróis contra a parede: estudos de literatura infantil e juvenil* (Cultura Acadêmica, 2010), *Monteiro Lobato e o leitor de hoje* (Cultura Acadêmica, 2008) e

\* Faculdade de Presidente Prudente. Presidente Prudente, São Paulo, Brasil. E-mail: berta.tagliari@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0001-8989-3914>.

*Territórios da leitura: da literatura aos leitores* (Cultura Acadêmica, 2006). No tocante a Thiago Valente, citamos duas edições organizadas em conjunto com Ceccantini: *Narrativas juvenis & mediações de leitura* (Cultura Acadêmica, 2015) e *Narrativas juvenis: literatura sem fronteiras* (Cultura Acadêmica, 2014) e destacamos o capítulo intitulado “A chave do mundo: o tamanho” publicado em *Monteiro Lobato, livro a livro* (UNESP, 2008), organizado por Lajolo e Ceccantini, que recebeu o prêmio Jabuti em 2009 na categoria Livro do Ano de Não ficção. A parceria de Martha e Valente, dessa maneira, resulta no lançamento *Produção cultural paranaense para crianças e jovens*, cujo propósito é refletir acerca da particularidade da literatura paranaense voltada para a infância e para a juventude, seus autores mais expressivos, suas obras, sua história, sua influência no campo literário e no mercado editorial.

O livro é composto por duas macroseções. A primeira se constitui de ensaios escritos por docentes pesquisadores de instituições localizadas no Paraná acerca da obra literária de oito escritores paranaenses da literatura infantil e juvenil, a saber: Paulo Venturelli, Alice Ruiz, Miguel Sanches Neto, Glória Kirinus, Adélia Maria Wollner, Almir Correia, Cléo Busatto e Olívio Jekupé. A segunda parte, por sua vez, é formada pelo depoimento desses autores. Consta ainda de Apresentação de Vera Teixeira de Aguiar, na qual estão presentes descrição dos capítulos e lisura de análise da obra que funcionam como um estímulo ao leitor para a leitura.

No primeiro capítulo, “Caminhos que se descobrem: a cidade, as artes e as crianças”, Marta Morais da Costa expõe manifestações artísticas que marcaram a cultura infantil em Curitiba e que – em alguns casos – se espalharam pelo estado do Paraná. Para tanto, Costa resgata textos de cobertura jornalística a respeito de literatura e de apresentações teatrais que datam de 1901 e segue sua interpretação com comentários sobre apresentações variadas, que fizeram uso de bonecos ou de atos circenses, que se apresentaram em teatros fechados ou em praças. *A menina do Narizinho arrebitado* (1920), de Monteiro Lobato, por exemplo, tem no jornal Diário da Tarde, de Curitiba, dois artigos do educador Raul Gomes que datam de 14 e 15 de abril de 1921. Desse modo, seu texto analisa criticamente o material conservado pelo tempo, sobretudo focaliza a recepção da crítica e faz um importante resgate histórico do que fora produzido para crianças e jovens. Sua preocupação se verte para essa produção cultural que é voltada para crianças, mas que é pensada por um adulto, uma vez que “a sociedade que induz ao consumo o faz também criando necessidades até o momento desconhecidas dos pretensos seres desejantes” (p. 14). Nessa medida, se intensificou o desejo de agradar à criança e perpetuou-se o mecanismo de consumo, porque ela foi percebida como um possível destinatário. Como resultado, essa produção pode valorizar e respeitar a criança, mas pode também submetê-la a expressões utilitaristas e

adultocêntricas. Para a pesquisadora, “A cultura implica comportamentos, valores e produtos vigentes em determinado tempo histórico e espaço social, criando vínculos identitários entre seus componentes.” (p. 15). Conclui e afirma, assim, que arte, educação e a função questionadora da realidade estão presentes nas diversas linguagens artísticas e o teatro, em especial, “apresenta solidez e permanência” (p. 37). Após o percurso histórico, fica um convite para se pesquisar o tema das linguagens da arte para crianças, como o teatro, a música, as artes plásticas, devido também à necessidade de fazê-lo que é expressa neste ensaio.

A respeito da narrativa para crianças e jovens, Clarice Lottermann faz apreciação de *Visita à baleia*, livro de Paulo Venturelli que recebeu o Prêmio Jabuti em 2013, dois Prêmios da FNLIJ em 2012 nas categorias Melhor livro para crianças e jovens e Melhor ilustração, o Prêmio 30 Melhores Livros de Literatura Infantil do Ano 2013 da revista Crescer e ainda foi indicado para a lista de honra do International Board of Books for Young People (IBBY). No ensaio “Paulo Venturelli e sua ode ao poder da imaginação: para desmontar as arbitrariedades do mundo adulto”, Lottermann tem como objetivo ver de que maneira a criança é representada em meio ao universo adulto autoritário, ambiente narrativo no qual a criança vive opressões do adulto e vivencia a falta de afeto. Nesse sentido, apresenta uma entrevista concedida por Venturelli durante um evento, na qual o autor exterioriza seu ponto de vista acerca do poder humanizador da literatura, o que pode ser percebido em sua escrita, porque, segundo Lottermann, *Visita à baleia* privilegia a vivência da fantasia e promove as capacidades de imaginar e de criar como modo de escapar da opressão do universo do adulto. Haver uma baleia morta no centro da cidade anuncia que adulto e criança veem o mundo de forma desigual porque, para o adulto, o pai, especificamente, o fato é indiferente e nada inusitado, porém, o menino protagonista fica perplexo diante do que está ao seu redor porque o que ocorre é algo incomum. Na narrativa, o “sentimento de perda é compensado pelo uso da criatividade” (p. 51) e é por meio da fantasia que o protagonista manifesta discordância e se confronta com o poder do adulto. Conforme Lottermann, então, o livro “atua como uma forma de resistência ao autoritarismo dos adultos e como valorização da fantasia, da sensibilidade e da criatividade.” (p. 56) porque, sob a perspectiva infantil, dá voz à criança e à sua imaginação.

Quanto à poesia, Thiago Alves Valente e Vanderlélia da Silva Oliveira escrevem “Uma prosa sobre poesia: Glória Kirinus”. Na primeira parte do texto, fazem uma apresentação do tema que vai ser abordado e delineiam concepções teóricas na retomada de autores que estudam o gênero literário poesia e as especificidades da literatura infantil e juvenil. Para os pesquisadores, a poesia criada no contexto brasileiro das últimas décadas se caracteriza por sua “capacidade inventiva de absorver novas propostas estéticas advindas do Modernismo” (p.

100), pois atualmente é possível ter acesso a textos que releem e se apropriam de produções clássicas e tradicionais, bem como de produções originárias da cultura popular, peculiaridades que podem ser notadas na abordagem temática, no hibridismo, na modificação da sua estrutura. É “na infância que os textos poéticos surgem com mais intensidade em meio aos jogos verbais” (p. 99), dessa forma, a leitura é motivada pela brincadeira com as palavras, pelos recursos formais e sonoros que conferem ludicidade à poesia e que levam o leitor a participar ativa e espontaneamente do momento de acesso e apreciação do que lê. Essas características fazem-se perceber na escrita de Glória Kirinus, autora peruana, residente no Brasil desde os anos 1970, onde cursou Letras (UFPR), mestrado (PUC-RJ) e doutorado (USP). Assim, são tomados como exemplo dois livros bilíngues. O primeiro, *Quando chove a cântaros / Cuando llueve a cântaros* (2005) tem projeto gráfico de qualidade, com texto em português à esquerda da página e em espanhol à direita, e tem como tema a experiência de viver no Peru e no Brasil. O segundo, *Teuento que me contaram / Te cuento que me contaron* (2004), se configura como prosa poética aberta à participação do leitor pelo seu aspecto lúdico provocado pela repetição do primeiro verso de cada estrofe: “Teuento que me contaram / que se este conto de agrada / que o contes bem contado / ao contador do teu lado.”. É por meio dessa brincadeira, portanto, que a criança se distancia do real, imagina outras formas para completar os versos e repetir sua cadência, bem como expressa sua subjetividade. Valente e Oliveira concluem, com isso, que a poética de Kirinus promove o diálogo entre textos, mitos, contos de fada, fábula e contribuem para o enriquecimento do imaginário, assim como fazem um convite para a leitura da escritora porque seus textos provocam o leitor, instigando-o a entrar no texto e a ter voz própria.

Cabe a Joaquim Francisco dos Santos Neto e Alexandre Villibor Flory apresentarem “Esboço para uma história do teatro infantil em Maringá – Paraná” e exporem o caminho da modernização e da profissionalização pelos quais passaram grupos teatrais, o processo de construção de teatros, bibliotecas e espaços de arte, bem como o papel de políticas públicas para desenvolvimento cultural da cidade de Maringá, sua região e da capital do estado. De acordo com os pesquisadores, apresentações e montagens infantis formam um panorama do teatro paranaense na primeira metade da década de 1950. A exemplo disso se tem a companhia Teatro Permanente da Criança (TPC) que se dedicou a aproximadamente cinquenta espetáculos até o final da década de 1960. O diálogo cultural entre a capital Curitiba e as cidades da região se intensifica na segunda metade da década 1950 e os anos 1970 em Curitiba evidenciam a consolidação da linguagem do teatro para crianças e sua renovação por meio da adaptação de clássicos. Com relação a estudos acadêmicos, Santos Neto e Flory salientam que existe uma lacuna quando o assunto é a pesquisa sobre o teatro. É na

década de 1980 que surgem alguns trabalhos, cujos registros mais expoentes são de Marta Moraes da Costa, Celina Alvetti e Selma Suely de Souza. Quanto à cidade de Maringá, os autores destacam o sucesso de *Auto de Natal*, de 1985, um teatro de animação de bonecos com encenação de presépio vivo, e *Grão de Milho*, de 1988. Nesse contexto, é somente na década de 1990 que o teatro para crianças e jovens em Maringá tem suas primeiras companhias fundadas, como os pioneiros Cia. Fantokids, de 1994, e Circo Teatro Sem Lona, de 1999. Por fim, ressaltam que políticas públicas não têm privilegiado a área da cultura e que o apoio se volta basicamente para grandes centros porque os grupos já estavam mais desenvolvidos em termos de formação profissional, além de conseguirem se organizar para terem suas reivindicações atendidas. Assim, fazer este panorama da história do teatro infantil na região norte e noroeste do Paraná, especialmente em Maringá, significa falar também sobre forças sociais, econômicas e políticas.

A segunda parte do livro é composta por depoimento dos escritores da literatura infantil e juvenil selecionados para o volume.

Adélia Maria Woellner, em “Literatura infanto-juvenil”, defende que “a vida é resultado de leituras” (p. 227). Por isso, “O mundo que vemos é a leitura da forma como a percebemos, oferecendo, em consequência, visões, sentimentos e atitudes diferentes.” (p. 227). Ela faz relatos emocionados com relação ao contato que suas amigas proporcionam aos netos quando visitam livrarias e espaços culturais variados, porque aos pequenos é permitido folhear, manusear, entrar em contato com livros e histórias. Comenta uma experiência positiva vivenciada durante uma visita a uma escola de educação infantil, na qual as crianças, após surpreendente entrevista, lhe entregaram um livro de releitura de uma de suas produções. Para ela, as crianças são autênticas em suas manifestações, uma vez que não se preocupam em agradar para atender a expectativas. Por isso, vê a grande responsabilidade que tem em sua função. Essas visitas dão a ela esperança e motivo para continuar e, às crianças, dão encorajamento para se formarem escritoras. Woellner, enfim, se mostra grata e apaixonada pelo “olhar brilhante, curioso, [pel]o sorriso encantador, [pel]os gestos amorosos que explodem, sem constrangimento...” (p. 232).

Alice Ruiz, no relato “Brincar com as palavras”, diz que achava difícil fazer poesia para crianças “porque elas são as leitoras mais importantes que existem”. Entretanto, foi criando confiança para desenvolver essa atividade e percebeu que “quem escreve poesia é a criança que ainda existe dentro do poeta e da poeta, porque ainda gosta de brincar” (p. 219).

Em “Literatura infantil e contação de histórias”, Cléo Busatto afirma que para ser um contador de histórias é preciso conseguir narrar a sua própria trajetória. Ela conta que conseguia ler e entender o texto aos quatro anos e meio, que nasceu em uma casa de pessoas leitoras com acesso a revistas, gibis, enci-

clopédias, romances e que se considerava rica porque “Tinha dois armários de livros.” (p. 240). Sua história resgata memórias de uma infância vivenciada na escola onde a mãe lecionava, demonstra orgulho por viver em um mundo pequeno, mas “gigante nas oportunidades” (p. 241). Nesse ambiente nasce a leitora e nascem também a contadora de histórias, cuja formação se deu em contato com a oralidade em meio a uma cultura rural, e a escritora, porque ganhava concursos de escrita na escola. Segundo Busatto, a literatura é “linguagem simbólica e intangível” (p. 242), “um caminho que revela as diferentes dimensões do sujeito” (p. 242). As boas histórias, então, desencadeiam a sensação de pertencermos a outro mundo, maior do que este onde habitamos porque elas “nos ajudam a transcender os limites do nosso mundo pessoal, para nos introduzir na universalidade da experiência humana” (p. 243). Por esse motivo escreve literatura para crianças e jovens, já que pode oferecer aos leitores a capacidade de sonhar e de materializar seu sonho, o que, para ela, foi isso o que recebeu ao longo da vida.

Diante do exposto, por que a publicação da obra e a sua leitura são relevantes? Diversos são os pontos positivos ainda por serem ditos, mas vale ressaltar o debate que promove acerca da arte e das linguagens, seu legado para pesquisadores que têm nessa obra um ponto de partida para estudos a respeito dos escritores e dos textos apreciados. Por isso mesmo, o livro preenche uma lacuna no campo da crítica e da teoria literária, sobretudo no que particulariza a literatura infantil e juvenil. Trata-se, justamente, de leitura recomendada também a docentes dos cursos de formação de professores, sobretudo Letras e Pedagogia, bem como a docentes que atuam na educação básica, para se apropriarem do conteúdo e para terem maior conhecimento sobre o que pode ser lido pelo alunado no seu caminho de leitor em formação.

Texto recebido em 08 de junho de 2018.  
Texto aprovado em 08 de agosto de 2018.